



## Felicidade...\* um encontro que não faz laço

Reinaldo Pamponet<sup>1</sup>  
[rpamponet@terra.com.br](mailto:rpamponet@terra.com.br)

**Resumo:** Este artigo pretende demonstrar que, na experiência analítica, a felicidade reside no encontro transitório, marcado pelo tempo lógico do falasser com a heterogeneidade irreduzível à estrutura de linguagem. A experiência de uma análise poderia produzir para o falasser algo da ordem de um feliz encontro? Conjugação felicidade com final de análise, implica dizer que no lugar do objeto a mais-de-gozar do sintoma do início da análise, a enunciação escreve agora a letra de gozo do sinthoma, como o mais singular e incurável do falasser.

**Palavras chave:** felicidade; falasser; letra; gozo; final de análise.

**Abstract:** The article proposes that, in psychoanalytical experiences, happiness appears as a transitory encounter, limited by the logical time of the speech being (*parlêtre*), with the irreducible heterogeneity of language structure. Could a psychoanalytical experience produce to the speech being (*parlêtre*) anything like a happy encounter? Pairing the end of analysis with happiness implies in saying that the plus of jouissance of the object *a*, present at the beginning of analytical symptom, has been replaced by an enunciation that like a letter writes the jouissance of the sinthome as the most singular and incurable of the speech-being (*parlêtre*).

**Key words:** happiness; speech being; letter; jouissance; end of analysis.

Este breve recorrido em Lacan pretende examinar o vínculo da psicanálise com a felicidade. Vamos tentar demonstrar que, na experiência analítica, a felicidade reside no encontro transitório, marcado pelo tempo lógico do falasser com a heterogeneidade irreduzível à estrutura de linguagem.

Lacan diz que, na experiência analítica, o conceito de gozo designa uma "polaridade" do sujeito<sup>2</sup> heterogênea àquela do significante e nomeia essa polaridade como "as

posições subjetivas do ser"<sup>3</sup>: ser do sujeito (\$), ser do saber (S<sub>2</sub>), e ser sexuado, (ser do objeto a).

Em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-1960), quando começa a investigar o Real, ele retorna o "Projeto para uma psicologia científica", de Freud, para fazer uma leitura rigorosa do conceito de *das Ding*, a Coisa<sup>4</sup>. A Coisa é o primeiro real para a criança, um real mudo e a-dialético. A experiência da criança com a Coisa é uma marca indelével que, *a posteriori*, vai determinar a repetição incessante do falasser para tentar reencontrar o objeto alucinado e perdido dessa experiência originária de gozo. O objeto perdido freudiano é herdeiro de *das Ding* e o seu sucessor é o objeto a de Lacan. Como causa de desejo, esse objeto é um objeto real, aquém do Nome-do-Pai. Como mais-de-gozar, tem algo de materialidade emprestado da Coisa.

No início do seu ensino, no texto dos *Escritos*, "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose" (1955-1956), Lacan introduz o Nome-do-Pai e faz uma releitura do Édipo freudiano, reduzindo o Nome-do-Pai à Metáfora paterna. Na Metáfora paterna, o Nome-do-Pai substitui o Desejo da Mãe, operando uma negatização do gozo pelo significante para engendrar a significação fálica que chamamos desejo. Nesse primeiro Lacan, o inconsciente é o discurso do Outro; o sintoma é um nó de significantes que podemos dissolver com a interpretação; o sujeito do inconsciente nasce do campo do Outro como sujeito mortificado (\$); o objeto pequeno a é da ordem do semblante; e a pulsão está proscrita.

Em *O seminário, livro 8: a transferência* (1960-1961), dirigindo-se aos analistas, Lacan pergunta afirmativamente: "qual [é] a nossa relação com o ser de nosso paciente? Sabe-se bem, afinal, que é disso que se trata em análise"<sup>5</sup>. Então, perguntamos: como o analisante

alcança e nomeia o ser do sujeito como ser sexuado por meio daquilo que, nele, permanece vivo, e não como sujeito mortificado pelo significante?

Em "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano" (1960), Lacan, tenta, inicialmente, responder a essa questão, quando introduz o matema  $S(\bar{A})$ , significante da falta no Outro. Nesse texto, ele diz que os nomes próprios vêm ocupar o lugar vazio desse significante, porém o nome próprio não designa o vivo do sujeito, porque é translingüístico, isto é, atravessa todas as línguas sem se referir ao objeto. Portanto, considera o ser sexuado como morto. Para dar conta do vivo do sujeito, Lacan introduz, então, o conceito de gozo no lugar de um ser, dizendo que "um ser aparece como que faltando no mar dos nomes próprios". É nesse lugar que o objeto *a* vem como "nome do ser de gozo".

Em *O seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963), Lacan, ao operar uma disjunção entre o Édipo e a castração, elabora a função real do objeto *a* para cingir o gozo, o vivo do sujeito, não pela interdição, mas pela separação. Aqui, o objeto *a* passa a suporte do gozo, dá corpo ao gozo, porque o seu estatuto é anterior à lei e à significantização fálica. O objeto *a* lacaniano, portanto, traduz a constante da pulsão freudiana e recupera o ser do sujeito como sexuado.

Essa mudança de estatuto do objeto *a*, de semblante para real, é tributária da passagem da primeira para a última clínica de Lacan; da passagem de Lacan segundo Freud para Lacan apoiado em Joyce; da clínica do *sintoma* à clínica do *sinthoma*.

Retomando o que nos instiga, pretendemos examinar o vínculo da psicanálise com a felicidade, propondo as seguintes questões: O que seria felicidade para a psicanálise? Podemos falar de uma parceria entre

psicanálise e felicidade, ou apenas, em *par(seria)*? A experiência de uma análise poderia produzir para o falasser algo da ordem de um feliz encontro?

A psicanálise é uma experiência em que a presença do corpo vivo no discurso analisante implica o objeto a mais-de-gozar como dimensão essencial do corpo próprio. E, a felicidade, na experiência analítica, é um efeito transitório experimentado pelo corpo vivo de fala, produzido pela contingência do encontro com o objeto a.

Assim, podemos dizer que, o objeto a, que situamos na fronteira entre psicanálise e felicidade, guarda uma relação de cumplicidade com a felicidade do sintoma. Dizendo de outra maneira: na primeira clínica de Lacan, trata-se do inconsciente transferencial, e a felicidade experimentada pelo analisante alude ao encontro com o objeto a da fantasia.

Na última clínica de Lacan, o *sinthoma*, com a sua nova grafia, opõe-se a tudo que o sintoma do primeiro Lacan comporta de universal. Aqui, o *sinthoma* porta o "sentido sem-sentido"<sup>6</sup>, ele está do lado do que "não cessa de não se escrever" e não faz laço com o significante. No último Lacan, trata-se do "inconsciente real", isto é, do inconsciente referido ao corpo erógeno, do inconsciente que se apóia em elementos simbólicos de lalíngua para fazer ressoar o "dizer do sexo"<sup>7</sup> no discurso analisante.

O "dizer do sexo" vai permitir ao falasser (a)preender o seu lugar no discurso, como sexuado, ao escrever, no *sinthoma*, um  $S_1$ -letra homólogo ao objeto a mais-de-gozar. O "dizer do sexo" faz ressoar o eco no corpo da voz áfona da pulsão e promove o encontro com a letra-objeto: encontro transitório com o mais além do princípio de prazer, que o falasser experimenta como felicidade.

O *sinthoma* do último Lacan é da ordem da escritura, onde habita a heterogeneidade da letra, "êxtima" à

estrutura. E a letra como se produz? Apoiado na "Carta 52" de Freud, Lacan, em "Lituraterra", diz que a linguagem é uma estrutura de substituição que promove a negatização da Coisa, fazendo surgir o signo de percepção (*Wahrnehmungzeichen*, WZ). Por efeito da primeira "metáfora dentro da estrutura", esse signo de percepção vai produzir, por conseqüência, a letra primária como "traço" do real da Coisa<sup>8</sup>.

Conjugar felicidade com final de análise, implica dizer que no lugar do objeto a mais-de-gozar do sintoma do início da análise, que recobria a marca de *das Ding*, tentando apagá-la, a enunciação escreve agora a letra de gozo do *sinthoma*, como o mais singular e incurável do *falasser*. Como "idêntica a si mesma", a letra introduz uma descontinuidade entre o antes e o depois, fixando a diferença entre sintoma e *sinthoma*.

A letra é cifra de um gozo que encontra no masoquismo sua expressão e no supereu sua sentença. Então, se a letra conjuga "delícia com dor", como diz o poeta, se o gozo é um mal, como diz Lacan, o destino é um castigo, porque a vontade de gozo realiza-se inscrevendo um paradoxo: felicidade-no-mal.

O *sinthoma* do final de análise, portanto, não é para ser decifrado, tampouco se dissolve; não expira, inspira, é invenção, é um nome sem o Nome-do-Pai.

Em *O seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-1976), Lacan diz que "o Nome-do-Pai é o instrumento para resolver o gozo pelo sentido"<sup>9</sup>. Contudo, o sentido é sempre duplo e não recobre o sem-sentido que é fuga, ele escapa demonstrando a inconsistência do Outro e a queda do objeto. Então, para dar conta do sem-sentido do real do gozo, Lacan logiciza e pluraliza o Nome-do-Pai. Pluralizar não significa repartir em pedaços, mas abrir ao funcionamento do universal. Com a pluralização, Lacan retira o Nome-do-

Pai do lugar de fundamento da lei, relativiza a sua primazia e o seu poder como significante, elevando-o à condição de uma função:  $NP \rightarrow f(x)$ .

Agora, o gozo não é mais interditado pelo Pai, não é mais um gozo que o sujeito só alcança pela transgressão, mas uma hiância, uma perda que resulta da operação do significante sobre o corpo. A ação da linguagem sobre o corpo produz a "negativação da carne", esvazia o corpo de gozo, mas ao mesmo tempo engendra o gozo, aparelha o corpo de gozo com a incorporação do signo que, pela repetição, assegura a satisfação da pulsão.

O que está em jogo, a partir de agora, é saber, em cada caso, o que o falasser vai colocar no lugar da variável da função; no lugar do (x) como seu parceiro de gozo. Do que se trata no último Lacan, portanto, não é de resolver o gozo pelo sentido, mas de saber-fazer aí (*savoir y faire*) com o *sinthoma*.

Ao elevar o Nome-do-Pai a uma função, Lacan, também, restitui à sexualidade feminina sua estrutura própria de "não-toda", ao conceber a mulher como uma versão do Pai e inscrever o gozo feminino como gozo suplementar, mais-além do Pai. Como o gozo fálico não enlaça o Um ao Outro, o gozo suplementar feminino faz valer o amor como suplência à "não-relação".

Conduzido pela lógica da "não relação" entre os sexos e pelo Um da exceção, pelo Um que diz não a função fálica, Lacan tenta dar conta do real sexual no falasser e demonstrar o ponto do impossível para a psicanálise - "a relação sexual não existe".

Para tanto, em "RSI" (1974-1975), ele constrói o nó borromeano, onde, na condição de *sinthoma*, o Pai como quarto nó, exerce a função de nomeação. No nó borromeano, o Pai como *sinthoma* enlaça o sentido e o real para nomear o objeto a mais-de-gozar, como núcleo do *sinthoma*.

Servir-se do Nome-do-Pai como uma função para fins de nomeação, quer dizer fazer a linguagem ocupar o lugar da função paterna para se constituir como "elucubração de saber sobre lalíngua" e decifrar o nome de gozo incluído no sintoma, isto é, nomear sua pai-versão singular. Quer dizer, ir além do Pai, na condição de se servir dele, para em seguida prescindir de acreditar nele, não se refere ao ato do Pai, mas ao ato do filho. Tal ato, que Lacan denomina - N'HOMEAR<sup>10</sup>, é um ato que orienta o filho até o lugar do homem e, além dele, ao lugar do Pai. É a boa maneira do falasser servir-se do Pai.

No início da análise, o discurso da demanda porta o desejo de livrar-se do sofrimento do sintoma e ser feliz, isto é, o falasser crê que o Sujeito-suposto-Saber sabe tratar a desarmonia, o mal-estar e a infelicidade. No final da análise, o falasser descobre que se serviu do Pai para inventar aquilo que, nele, é dele e não do Outro, e que esteve lá desde sempre - seu modo de gozo. Nesse momento, podemos verificar o surgimento do Um autístico do gozo, ali no ponto onde o gozo fálico fracassa em unir o Um ao Outro.

Podemos dizer, então, que o encontro com a felicidade é correlativo da mudança de posição subjetiva frente ao real, marcado pelo tempo lógico. No instante de ver, a crença no sintoma e a esperança no Sujeito-suposto-Saber instalam a promessa de atender à demanda de ser feliz, que é seguida pelo tempo de compreender de que em outro modo sintomático *Isso* pode se realizar. E, no momento de concluir vai surgir o entusiasmo como o afeto que revela a existência de um verdadeiro vínculo da psicanálise com a felicidade.

A mudança de posição subjetiva frente ao real possibilita encontrar a felicidade, porque o ato no qual o analisante se autoriza é suportado por outro encontro: o

encontro singular do *gay savoir* com o "amor mais digno", como restos fecundos do final de uma análise.

O *gay savoir* é o nome do consentimento à renúncia de ter ou ser o falo para alcançar a virilidade. Consentindo à castração, o falasser torna-se mais viril, corajoso e feliz. Sabe lidar melhor com os imprevistos do sexo, do dinheiro e da morte, porque agora, o Outro tem outro nome - responsabilidade.

O "amor mais digno" é o nome do amor que não faz suplência à relação sexual que não existe, e permite ao falasser alcançar a paz com o recalque originário, com a *Urverdrängung*, que contém o real. Dizendo de outra maneira: no final de análise o dizer, "sou como gozo", da voz áfona da pulsão parcial alude ao encontro do falasser com a felicidade do *sinthoma*. Agora, identificado a esse "novo modo de dizer", o falasser retifica o sentido da sua existência.

Finalizando, eu diria que a psicanálise permite aceder à felicidade, pois felicidade é levantar o recalque e alcançar saber que somos habitados por um impossível de dizer que nos faz falar, e saber fazer um bom uso d'Isso. Felicidade é relativizar o azar, fazendo da sorte um encontro da competência com a responsabilidade, e do riso um encontro com aquilo que o desejo procurava. Felicidade é, também, quando a sabedoria mistura, com alegria, o profano e o sagrado, porque prefere a vida ao invés da bolsa ou mesmo da verdade toda. Felicidade, enfim, é alcançar a verdadeira liberdade - a liberdade de desejar.

Assim, a eficácia da psicanálise se dá quando o final de uma análise demonstra que falar ao analista produz o UM como "ser de gozo". "UM-ser" que, ao fazer do *sinthoma* seu nome de gozo, isto é, um nome heterogêneo ao nome-próprio, um nome no qual o Pai real e o gozo estão juntos ( $S_1 a$ ), um



nome que não faz laço, revela o homem como artesão da sua própria felicidade.

---

\* Reticências: o que alude, o que fica subentendido. Ferreira, A.B. (1977). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

<sup>1</sup> Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP).

<sup>2</sup> Lacan, J. (2003[1966]). "Apresentação das Memórias de um doente dos nervos". In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 221.

<sup>3</sup> Idem. [1965-1966]. "Problemas cruciais para a psicanálise". (Seminário inédito).

<sup>4</sup> Idem. (1988[1959-1960]). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 58.

<sup>5</sup> Idem. (1992[1960-1961]). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 44.

<sup>6</sup> Idem. [1976-1977]. "L'insu qui sait de l'une-bévue s'aile à mourre". (Seminário inédito).

<sup>7</sup> Idem. [1977-1978]. "Le moment de conclure". (Seminário inédito).

<sup>8</sup> Idem. (2003[1971]). "Lituraterra". In *Outros escritos*. *Op. cit.*, p.19.

<sup>9</sup> Idem. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 238.

<sup>10</sup> Idem. [1974-1975]. "RSI". (Seminário inédito), aula de 18/03/75.